

Saga Cigana em *A Caravana dos Pássaros Errantes*

Por Livia Mattos¹

Aqui se fala da vida e morte de quem pressupõe que existir é ir. Se por preconceitos, percalços e/ou perversidade não se pode seguir, acredita-se então na capacidade de voar e sermos metáfora da nossa poética de existência-pássaro. Nesta noite de quarta-feira, o espetáculo "A Caravana dos Pássaros Errantes", da Cia Nômade, me arrebatou com a sua saga cigana que parte de um massacre real para sua construção dramática. Nos idos de 1913, na cidade de Esperantina-PI, foram assassinados cerca de 200 ciganos, por policiais pau-mandados de coronéis e autoridades locais. Essa tragédia foi descoberta no processo de pesquisa do grupo para criação deste espetáculo, que durou quase três anos, para chegar na história que queriam contar e em como queriam contá-la. Optaram por um caminho que atravessa temáticas existenciais e sociais, sem pesar a mão no drama, nem na comédia, mas carregando a tinta na poesia. E na música!

Vê-se o resultado cênico do espetáculo como fruto de uma pesquisa de fôlego, sem preguiça, imbuído de entrega, trabalho, parceria e afeto. Dessa forma, não posso deixar de nomear os partícipes desse feito. Para começo de conversa, temos no elenco Ana Cristina Freitas, que porta ancestralidade cigana no seu sangue, trazendo para a narrativa a inspiração da sua bisavó para criação da sua personagem, que expressa a força da mulher cigana - como resistência a um

¹ Livia Mattos é circense, acordeonista, cantautora e socióloga. Nascida em Salvador/BA, dedica-se à pesquisa sobre o circo brasileiro - sobretudo no que tange a sua interface com a música - documentando narrativas de circenses veteranos e desenvolvendo trabalhos autorais no campo cênico-musical há 18 anos. Destaca-se, dentro da sua produção criativa, "A Sanfonástica Mulher-Iona", "As trigêmeas", "Mono Amour", "Sanfona aérea", "A Lira da Lona" e o mais novo "Retumbantes" - além do seu álbum "Vinha da ida", lançado pela Natura Musical. Atualmente, é mestranda em Artes, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

contexto patriarcal que desrespeita a vontade das mulheres, mas que, culturalmente, também devota respeito às matriarcas. Alternando-se na narração e interpretação de personagens, temos ao lado de Ana, conduzindo a história, Jonas Di Paula, que também assina a dramaturgia do espetáculo, com orientação luxuosa de Luís Alberto de Abreu. Ana e Jonas se debruçaram sobre assuntos da tradição cigana com o olhar e profundidade de Cristina da Costa Pereira, desde ao arcabouço teórico, à pesquisa de figurino, ao comportamento das personagens, para que fossem respeitados os parâmetros da cultura cigana. Articulou-se, dentro da narrativa, as referências ciganas de maneira ampla - como as "czardas" na música e a língua romani - com a territorialidade brasileira, a partir da qual se ficcionaliza uma história que aconteceu no nordeste do país. Dessa forma, as personagens que aparecem ao longo da narrativa, as músicas e a forma de falar, carregam também traços culturais dessa região e especificamente do Piauí. Falando da sonoridade do espetáculo, menciono o trabalho dos músicos Carlos Medeiros (violino) e Guilherme Padilha (sanfona), bem como da atriz Ana e do ator Jonas, que se revezaram entre instrumentos para conduzir musicalmente o espetáculo, que, somados à percussão, figuram uma formação instrumental "clássica" cigana, mas com o acréscimo da viola e do uso "repentista" do pandeiro. Todos estão de parabéns na concepção e execução sonora, que, não por acaso, expressa a influência melismática cigana na região, com suas fusões e derivações.

Tudo isso orquestrado pela direção primorosa de Atul Trivedi, envolvendo o público no espetáculo - apesar da transmissão pré-gravada não presencial - com a sua potência comunicativa, estética e narrativa. As transições entre música, personagens e narradores foram conduzidas de forma super fluida e coerente. A perspectiva que a locação escolhida fornecia, com uma profundidade interessante às câmeras, também nos ajudou a mergulhar na história, a nos deslocarmos com ela. Por fim, a captação, sobretudo a de áudio, também merece os seus louvores, dada a sabida dificuldade de se garantir qualidade a céu aberto, com instrumentos com massa sonora díspares e vozes.

A articulação de todas essas colaborações resultou num espetáculo belo e poético, que sabe tratar da seriedade das questões sem deixar de nos deslocar. A metáfora da transformação dos ciganos em pássaros, em revoadas, nos volta aos nossos ímpetos pessoais, sem deixar de nos atravessar com a questão da perseguição a estes povos. Como propõe o final do espetáculo, que possamos

refletir e não esquecer sobre o que somos capazes de ser e de fazer, em todos os sentidos.